

Importância da narratividade no processo do luto: uma pesquisa no contexto pandêmico

Importance of narrativity in the grieving process: a research in the pandemic context

Sara Micheli Forster*
Vitória Sponchiado Becker**
Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa***

Resumo

O contexto pandêmico acelerou o cenário de encontros constantes com o desconhecido e com a finitude da existência humana. Impulsionada pelo desejo de saber, a pesquisa foi desenvolvida pela plataforma *Qualtrics*, investigando o trabalho de luto de estudantes universitários(as) enlutados(as), suas narrativas acerca do reconhecimento da perda; elaboração do sofrimento em torno da morte; simbolização da dor, da saudade e do vínculo afetivo perdido. A partir dos resultados obtidos, ressalta-se a importância dos espaços de expressão, por meio da reconstrução de laços de afeto, pela construção de narrativas e redes de apoio psicológico para o auxílio do luto, ou seja, para a elaboração subjetiva da dor decorrente da perda.

Palavras-chave: Luto. Pandemia. Simbolização. Narrativa. Iniciação Científica.

Abstract

The pandemic context has accelerated the scenario of constant encounters with the unknown and with the finitude of human existence. Driven by the desire to know, the research was developed by the Qualtrics platform, investigating the mourning work of bereaved university students, their narratives about the recognition of loss; elaboration of suffering around death; symbolization of pain, longing and the lost affective bond. Based on the results obtained, the importance of spaces of expression is highlighted, through the reconstruction of affection bonds, through the construction of narratives and psychological support networks to help with grief, that is, for the subjective elaboration of the pain, resulting from the loss.

Keywords: Mourning. Pandemic. Symbolization. Narrative. Scientific Research.

* Acadêmica de Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Paraná, PR, Brasil. sara_micheli16@hotmail.com

** Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Paraná, PR, Brasil. sponchiadoecker@gmail.com

*** Psicanalista. Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/PR). Docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Paraná, PR, Brasil. miriamipdr@gmail.com

Introdução

A pandemia trouxe o crescente e desamparador encontro com a falta: a falta de respostas, a falta de contato com o outro, a falta de segurança em relação ao futuro, limitando mais ainda o campo da previsibilidade. O não saber, marcado pelo encontro com o desconhecido e a interrupção abrupta do contato socioafetivo, tornou-se característica deste período. Programações foram canceladas, como viagens e festividades, outras receberam adaptações, como as atividades laborais e acadêmicas que passaram para o plano virtual com o *Home Office* e as aulas remotas, respeitando as medidas de isolamento social. Considerando principalmente que o ser humano é um sujeito social, que depende da relação com o outro para se constituir, com o atual cenário, o contato com o Outro se tornou limitado, permeado de restrições pelas medidas preventivas e sanitárias contra a Covid-19. Tais restrições acarretaram perdas significativas que tiveram como consequência principal a experiência da dor, também denominada como luto. Contudo, neste estudo, citamos principalmente o luto decorrente da morte de um ente querido.

À vista disso, a presente publicação compartilha os resultados das análises desta pesquisa e das revisões bibliográficas consultadas, com foco nos fenômenos acerca da elaboração do luto. Considerando a importância do exame de realidade proposto por Freud (2010) em seus estudos sobre o luto e a melancolia, investigamos os efeitos do atual cenário pandêmico e as restrições de segurança na elaboração do luto. Priorizando a importância da narrativa neste processo, contemplamos também as significações subjetivas acerca do luto e da morte, além da importância das redes de apoio no suporte do sofrimento enfrentado na perda de um ente querido.

Considerando que a perda pode ser um evento traumático para os enlutados, defende-se a importância do acolhimento e dos espaços para a simbolização, assimilação e organização das mudanças a partir da perda e a historicização do sujeito. Tendo em vista que, mesmo de caráter “indizível” quando não apalavrado, a situação vivenciada repete-se na vida do sujeito, exigindo elaboração. Por meio do discurso, é possível perceber os afetos vivenciados e o impacto da perda, demonstrando o lugar que este Outro ocupava em seu imaginário. Diante da ansiedade e da angústia vivenciadas frente ao cenário pandêmico, além do medo da morte, diversos estudos já foram realizados acerca dos efeitos da pandemia no ser humano. Autores, como Gundim *et al.* (2021), estudaram o fenômeno e identificaram que evitar o compartilhamento de utensílios, higienização das mãos e uso de máscaras, foram associados a níveis

mais baixos de impacto psicológico, depressão, ansiedade e estresse. Tal qual a divulgação de dados precisos e reais sobre a situação da doença, evitar a exposição excessiva a noticiários de televisão, além da busca pela veracidade dos fatos noticiados, também se revelam redutores desses níveis.

Estas medidas representam uma forma de proteção contra o vírus, que, por sua vez, garantem a sensação de distanciamento do inevitável encontro com a morte, pois representa uma segurança contra a contágio do vírus – o que poderia explicar os níveis mais baixos de impacto psicológico. Além disso, o número de informações acerca da pandemia, sejam verídicas ou não, foi incomensurável, de forma que as pessoas eram bombardeadas de informações, sem tempo de construir narrativas próprias acerca de cada vivência perturbadora.

Metodologia

Considerando o contexto de perdas psicoafetivas e socioafetivas durante a pandemia, a pesquisa foi elaborada para verificar a incidência do luto entre estudantes de psicologia de uma universidade particular do oeste paranaense. A presente publicação contém os registros parciais da pesquisa, tendo em vista que a versão original apresenta também os dados sociodemográficos e a incidência do luto nos estudantes universitários durante 2020 e 2021, além das principais causalidades das mortes. Neste trabalho, priorizamos a divulgação das descrições subjetivas acerca da perda e do processo consequente a ela.

Para a elaboração do instrumento para coleta de dados e desenvolvimento da análise dos dados, foram pautadas fundamentações psicanalíticas, priorizando, na construção das questões, a regra base da psicanálise: a associação livre, possibilitando a livre expressão do sujeito por meio de perguntas abertas. O questionário foi divulgado por meio da plataforma *Qualtrics* e disponibilizado de modo *online* para os respondentes, entre os meses de agosto e setembro de 2021. Esta pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, identificada pelo número CAAE: 46208421.5.0000.0020.

Contextualização teórica

Sigmund Freud, diferenciando os atendimentos psiquiátricos da época, que não se atentavam profundamente aos ditos dos pacientes, passou a fundamen-

tar seus estudos e atendimentos na escuta do discurso de seus pacientes, fundando, a partir deste modelo, a psicanálise. Publicando obras introdutórias acerca de seus estudos, Freud relata suas considerações iniciais sobre o sofrimento da perda em sua obra *Rascunho G: melancolia*. Mais tarde, publica o texto *Luto e melancolia*, obra considerada fundamental para o estudo destes fenômenos, mesmo décadas após sua publicação. De acordo com seus estudos, Freud (2010, p. 128) defende que o luto se constitui como uma “reação à perda de uma pessoa amada ou abstração que ocupa seu lugar, como pátria, liberdade, um ideal, etc.” Dentre os sinais característicos deste processo, estão, em síntese: abatimento doloroso; cessação do interesse pelo mundo externo, redução ou perda da capacidade de amar e inibição de toda atividade psicomotora.

Por conta dos afetos e das mudanças decorrentes do trabalho do luto, Freud destaca que a pessoa enlutada pode apresentar condutas que não lhe são características, mas não o considera um processo patológico, visto que, após certo tempo, será elaborado. O luto, entretanto, pode apresentar nuances para cada sujeito, divergindo conforme a relação do sujeito com perdas ou a relação deste com o falecido. Interromper o luto, ou como dito por Kehl (2009, p. 206), solicitar “que se desaloje rapidamente de sua dor”, irrompe a percepção da morte, isto é, a possibilidade de perceber as mudanças decorrentes da perda, dificultando até mesmo a expressão dos afetos concernentes ao processo.

O psicanalista expõe, em *Luto e melancolia*, que o trabalho do luto é, em síntese: uma forma subjetiva para elaboração da perda; um processo para a preservação do Eu, de forma que a dor não se eternize, e a possibilidade de uma separação daquele vínculo que foi rompido pela morte. Este processo ocorre por meio do exame de realidade, em que o sujeito é direcionado ao encontro da perda, como é o caso dos velórios, em que se depara com o falecido. Neste sentido, Freud (2010, p. 129) aponta que o “exame de realidade mostrou que o objeto amado não existe mais, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto”. Considerando que a dissociação de vínculos é dolorosa para o sujeito, as memórias com o falecido, ao serem recordadas, são superinvestidas, como uma tentativa de manter essa vinculação com o Outro.

Maria Rita Kehl, psicanalista brasileira, ao escrever o prefácio do *Luto e melancolia* de Freud (2012), pontua que a perda do objeto não remete apenas à dor da ausência desta pessoa, mas também ao lugar que o enlutado ocupava para o outro: de amado, filho, irmão, amigo. Por conseguinte, Quinet (2002, p. 204) cita que

Segundo Lacan, o único tipo de luto que não é vivido como perda, falta, saudade, mas como abatimento do sujeito, é o que se pode resumir na frase: “eu era a sua falta”. Não é o luto do objeto (amado) perdido, mas do lugar de onde o sujeito cai ao perder aquele(a) cuja falta ele supunha preencher.

Ou seja, sua função na vida era ocupar um lugar, um sentido, na vida do Outro. O Outro lhe dizia quem ele era, o situava em sua existência. A perda determina mudanças na vida do enlutado, este perde o sustento de sua existência, o que pode indicar os comentários na pesquisa sobre o questionamento da razão de sua própria existência ou “*a vontade de fazer o mesmo*” (sic) diante da perda do Outro.

A abertura para descrever a morte e os afetos relacionados ao processo ampliaram as observações desta pesquisa referente à dificuldade de simbolizar a perda. Quando Lewis (2006, p. 18) perdeu sua amada esposa, escreveu que não há o que prepare a pessoa para “a combinação entre o grande amor e a grande perda”. Por isso, o luto pode ser uma experiência traumática. Quando a dor, ou outro afeto, ultrapassam a barreira da simbolização, constituem o trauma, ou seja, ocorre quando o sujeito não tem recursos linguísticos para significar este afeto, simbolizá-lo (KEHL, 2015). A autora continua afirmando que “o excesso de energia não ligada que invade o psiquismo exige repetidamente um movimento de retorno à cena traumática” (KEHL, 2009, p. 160). Este retorno à cena traumática é uma tentativa de simbolização, buscando interligar essa energia livre à rede de significantes.

Nesse sentido, Kehl (2009) expõe que a dor é o material que escapa à barreira da simbolização, um afeto sem ligações à rede de significantes. Por isso, para a elaboração do luto, é imprescindível que o sujeito construa sua narrativa, buscando, por meio do discurso, elaborar a perda e os sofrimentos decorrentes dela. A psicanálise, portanto, defende que a cura se dá por meio da fala, da expressão de seus afetos e da construção da narrativa, a organização de sua história de vida. A vivência do sujeito deve ser narrada em primeira pessoa, se apossando do que é dito ao perceber que está relatando sobre sua experiência. Também é por meio da fala que o sujeito tem a oportunidade de se ouvir, de se reconhecer em seus ditos.

Por isso Kehl (2009, p. 162) defende que “o sentido e o saber extraídos de uma vivência só adquirem o estatuto de experiência no momento em que aquele que os viveu consegue compartilhá-los com alguém”. A capacidade de narrar um ocorrido, uma situação que o está angustiando, é o que denota a subjetividade da experiência e a possibilidade de elaborar o acontecido. Freud,

desde os primórdios de seu trabalho, defendeu a cura pela palavra. É por meio do discurso que o sujeito se depara com sua subjetividade mais profunda: o conteúdo inconsciente. Mesmo inconsciente, não cessa de influenciar na conduta do indivíduo, se manifestando por meio de sonhos, chistes, sintomas, lapsos e atos falhos. Portanto, seu trabalho pautou-se na associação livre, possibilitando o autoconhecimento do sujeito, valorizando a busca do sujeito por seu desvelar, sem que o Outro lhe diga quem é, como é o caso do analista no *setting* terapêutico.

Na lógica psicanalítica, contudo, sempre há algo que falta subjetivamente, ou seja, é próprio da constituição do sujeito que haja espaço para o desejo, o qual está intrinsecamente associado à falta. A falta é, nesse sentido, o que impulsiona a movimentação da vida. Ao deparar-se com a falta subjetiva, o indivíduo denota que, por sua incompletude, busca objetos que representem a possibilidade de completude, a possibilidade de, ao menos, tamponar esta falta. Essa movimentação em direção à completude é o impulso do desejo, e, segundo as concepções psicanalíticas, o desejo é a “metonímia do ser” (KEHL, 2009, p. 120), por meio deste os aspectos mais idiossincráticos do ser são revelados. O desejo, portanto, revela a subjetividade.

Em consequência disso, torna-se necessário que o afeto envolvido no processo seja expressado e as questões concernentes ao acontecimento sejam elaboradas, para que então o enlutado possa investir em novos interesses, de forma que a pulsão não esteja mais fixada naquele objeto, estando livre para realizar novas conexões libidinais (FREUD, 2010).

Discussão

Considerando a narratividade como fundamental na vivência e elaboração subjetiva do luto, este estudo investigou as definições subjetivas acerca do luto. Os respondentes foram questionados sobre sua concepção de morte e os sentimentos decorrentes da perda. Correspondendo aos fundamentos psicanalíticos freudianos consultados, o luto é caracterizado pelo desinteresse do enlutado pelo mundo exterior, tendo como foco de sua atenção os aspectos concernentes ao falecido, o objeto perdido. Como exposto pelos respondentes: “*Concordo no que ele diz da perda de interesse pelo mundo exterior, pois realmente causa um grande desânimo, principalmente quando é recente*” (sic). Em relação ao superinvestimento na relação, citado por Freud (2010), o enlutado

afirmou: “*nossa libido volta-se àquilo que foi perdido e não conseguimos focar em outra coisa até passar e vivenciar esse processo*” (sic).

Dentre as características do luto Freud (2010) cita a perda da capacidade de amar, definição confirmada pelos respondentes, que afirmaram: “*em alguns momentos me senti apática e indiferente. Porém, sinto que não perdi a capacidade de amar, sinto necessidade de demonstrar mais esse sentimento para as pessoas do meu convívio, o medo da perda ficou mais eminente na minha vida*” (sic).

Analisando as respostas, é possível perceber a dificuldade em simbolizar a perda, a morte de um ente querido, e a descrição do misto de emoções ou ainda da apatia diante da realidade, como no seguinte comentário, em que o enlutado descreve a morte “*como uma passagem para algum lugar, não consigo nem descrever o sentimento que tive com a perda, (...) nunca tinha passado por duas perdas seguidas e tão bruscas, até hoje não sei mais definir como estou me sentindo*” (sic). Ao descrever o fenômeno da perda, o respondente enlutado erigiu que se sentiu “*Sem chão, como se tivesse perdido uma parte de mim*” (sic), assemelhando-se a outro respondente que descreveu sentir-se “*perdida, em uma dor paralisante. Quando perdi minha mãe acabei me perdendo também*” (sic). Freud (2010) afirma que cada amor do sujeito representa “um pedaço de seu próprio amado Eu” (p. 175). Nessa mesma direção, Quinet (2012) sinaliza as três reações à perda: luto, melancolia e depressão. O trabalho subjetivo, portanto, implica que o *eu*, nesse processo, é abalado, visto que o significante que sustentava a suplência é perdido, indicando uma perda narcísica.

O enlutado, ao perder a pessoa amada ou uma abstração que ocupa seu lugar, perde seu ideal de eu, aquele que fora substituído até o momento pelo significante suplente. Segundo Quinet (2002, p. 134) “lugar de onde o sujeito se vê como amável. O ideal do eu é o traço do Outro, ou melhor, a insígnia do Outro que situa o eu ideal para o sujeito, como aquele objeto imaginário, amado pelo Outro, com o qual o sujeito se identifica”. Mais especificamente Quinet (2002) afirma que a tristeza é correlata à perda dos “significantes vinculados ao ideal do eu”, ou seja, é a saudade daquele que trazia alguma segurança, que remete ao ideal paterno. Nesse sentido, seria a “saudade do Pai”, o significante que exercia a função de suplência, que representava uma segurança por não ter de se confrontar com o real da falta.

Freud (1996) publica obras introdutórias à teoria psicanalítica, como é o caso do texto *Rascunho G: melancolia*. Nesta obra, defende que a dor da perda é decorrente dos neurônios desfazendo suas conexões, denominando este período de anestesia sexual. Tais concepções são retomadas pelo autor no texto

Luto e melancolia, descrevendo o desligamento dos investimentos libidinais do objeto perdido como um processo doloroso, em que o indivíduo não apresenta interesses significativos para além daqueles relacionados à recuperação do objeto perdido.

Na versão do texto *Luto e melancolia*, da Editora Companhia das Letras, os tradutores indicam que o termo alemão *trauer*, pode ser traduzido para o português tanto como “luto” quanto também como “tristeza”. Neste sentido, as respostas foram analisadas, reconhecendo que este é o sentimento predominante nesse processo. Em outras respostas, principalmente relacionadas às perdas envolvendo negligência, erros médicos ou impotência (como é o caso das perdas por falta de vagas em UTI), também relatam sentir, além da dor, culpa e raiva. Pelo impacto da perda, também há respostas indicando a sensação de estar perdido, sem conseguir descrever os sentimentos diante da perda, além da “*sensação de irrealidade e entorpecimento. (...) como se não fosse verdade*” (sic), “*às vezes parece que nada aconteceu e meu pai vai entrar pela porta num dia normal e minha vida é a mesma*” (sic).

A perda do Outro, que carregava algum significante suplente, remete ao confronto com sua falta estrutural. A saudade do outro, é a saudade daquele que trazia segurança por tamponar a falta, como aponta Quinet (2002). Por não querer este saber, de ser um sujeito faltante, visto que permanece na expectativa da relação com um outro completo, um outro capaz de sustentar a ideia de alienação, tornando-se, ambos, um só; o sujeito se entristece. Quinet (2002) descreve a tristeza como um extravio do desejo, visto que nada sabe deste, mas também, por outro lado, nada se quer saber. Seguindo o viés freudiano, a tristeza indica o furo de uma perda, porém nada quer saber sobre, tendendo à pulsão de morte, visto que, ao querer decifrar o desejo, se haver com o conteúdo deste, deseja existir. É pelo saber decifrado no desejo que se chega ao conhecimento do que impulsiona sua conduta, seus sintomas e suas fantasias, conhecendo assim o objeto causa de desejo.

O saber inclina o sujeito ao desejo de agir, de existir. A posição de tristeza implica um sujeito que cede de seu desejo, ou seja: nada quer saber sobre este. Quinet (2002, p. 10), ao discorrer sobre *conatus*, revela o desejo como a “manifestação na consciência da força de existir” que “se opõe, portanto, à desistência da vida, ao querer morrer próprio ao melancólico”. Logo, a recusa em decifrar seu desejo e conseqüente extravio deste, “indica uma perda de potência no agir” (p. 11). “Que desejo nos resta na melancolia quando não nos resta nenhuma força interna? O desejo de morte” (p. 13). Logo, sempre há uma força guiando o sujeito, seja para a autoconservação (pulsão de vida) ou para a

destruição (pulsão de morte). O encontro com a finitude, com a incompletude, pode suscitar a pulsão de morte, como dito por um dos respondentes que, após a perda, “*Senti vontade de fazer o mesmo. Pra mim a morte representa o fim da consciência*” (sic).

Nessa mesma direção, Maria Rita Kehl (2009), que estuda o luto decorrente da depressão, afirma que o compromisso do sujeito com seu desejo revela suas escolhas diante de seu ser. É por meio do desejo, portanto, que o sujeito pode ser conhecido, o que não indica sua totalidade, são seus fragmentos que o revelam. Em síntese, ela afirma: “A via do compromisso com o desejo é a única via não alienada de produção de sentidos para a vida, ou seja, a única cuja escolha não serve a um suposto desígnio do Outro” (2009, p. 58).

A perda do ideal, que remete a alienação com o Outro, provoca dor à medida em que não é simbolizada. É pela perda do representante que sustentava a função de suplente que o luto, a depressão e a melancolia são desencadeados. Neste sentido, Quinet (2002) cita duas vertentes da dor: a dor como excesso de gozo que, portanto, escapa à simbolização, e a dor própria da castração. A dor é o gozo¹ que ultrapassa a capacidade simbólica. E este ponto também caracteriza a distinção entre luto e melancolia. Os escritos freudianos apontam que a melancolia está edificada em três pilares: luto, narcisismo e teoria pulsional. A dor do melancólico, mesmo que de início se assemelhe ao trabalho do luto, gradualmente demonstra que remete a uma perda que não poderá ser simbolizada, “uma vez que essa perda desvela o furo correspondente à forclusão do Nome-do-Pai” (QUINET, 2002, p. 133).

De acordo com Dunker (2021, p. 42-43), o processo do luto também consiste na “integração de um objeto e de reconstrução da experiência. Por meio do luto reduzimos simbolicamente os objetos a seus traços essenciais, retemos também o humor e a atmosfera na qual ele existia”. A afirmativa deste psicanalista brasileiro, pode ser verificada pelo seguinte comentário: “*tenho boas memórias de infância e de eventos, de noite de piadas, fico lembrando de seus olhos azuis claros, seu sorriso meio sem dente e uma expressão de felicidade no olhar*” (sic).

Freud (1996, p. 247) afirma que o luto é “o desejo de recuperar algo que foi perdido”. Neste caso, aquele que carregava o significante da suplência. Por mais

1. Constatando que a compulsão à repetição transpassa os limites do princípio do prazer ao apresentar condutas com satisfações mórbidas, Freud denota o gozo a partir da satisfação relacionada à pulsão de morte, em que a dor e o desprazer representam alguma satisfação mais-além do princípio do prazer (VALAS, 2001).

que o luto seja elaborado, possibilitando que a pessoa retorne com suas atividades e planos, nada ocupará o lugar pertencente ao ente querido que faleceu. Assim como um de nossos respondentes afirmou: “*A gente só se sente enlutado por aqueles que nós amamos e que nunca terão seu espaço preenchido novamente*” (sic). Ou seja, a pessoa que foi perdida não pode ser substituída. A elaboração do luto, portanto, indica o movimento de uma vida que seguirá sem o falecido, o enlutado passará a encontrar formas de lidar com aquela perda e seguir sem este amado. Visto que o luto “*não é só um sentimento doloroso, é um aprendizado diário de como viver sem aquela pessoa*” (sic). A saudade indica que aquele que foi perdido não terá seu lugar substituído e será sempre amado. Como dito por um dos enlutados: “*Eu descrevo o luto como um sentimento de falta da presença eterno*” (sic).

A dificuldade em realizar a separação do objeto amado constitui a abertura para um luto complicado. Neste sentido, Franco (2015) propõe que o sujeito, reconhecendo a perda, orienta-se para a adaptação da vida sem o falecido, o que implica o restabelecimento de uma rotina, significando tanto a perda quanto a vida que segue sem o amado.

Para que o luto seja elaborado, é necessário o reconhecimento da perda. A importância de ver o corpo sem vida do falecido é o encontro com a concretude da perda, o exame de realidade citado por Freud (2010). Em uma entrevista à Rádio Brasil de Fato, em 2020, Maria Rita Kehl define os rituais de despedida, como o velório, não estritamente como a despedida do falecido, mas sim da ilusão de que o falecido continua vivo. Neste sentido, a psicanalista relembra a possibilidade de o enlutado, ao não ver o corpo do falecido, criar esperanças de que dentro daquele caixão não está o seu amado:

Não poder ver o corpo de alguém que perdeu, é uma tortura. Sobra um restinho de esperança. E se não era ele? E se enterraram outra pessoa? E se ele está doente e eu não consigo socorrer porque não sei onde ele está. É uma situação muito dolorosa.

Não é o primeiro cenário em que os enlutados não velam o corpo do falecido, realizam enterros com caixões vazios, ou então não veem o falecido por ser caixão fechado. Franco (2015), profissional atuante em estados emergenciais, relata sobre as vítimas de deslizamentos ou rompimentos de barragens, em que o corpo do falecido pode não ser encontrado. Diante disso, cabe refletir sobre os impactos destas restrições na elaboração da perda nos enlutados, tendo em vista que Franco (2015) já discorria sobre a dificuldade de reconhecer a perda mesmo quando o corpo é identificado, especialmente no sepulta-

mento com caixão lacrado. Os velórios também são momentos em que o enlutado pode expressar seus sentimentos e ser acolhido por pessoas próximas. Entretanto, com as restrições pandêmicas, as vítimas de Covid-19 não eram veladas e permaneciam com o caixão lacrado (BRASIL, 2020), enquanto velórios por outras causalidades, também continham restrições quanto ao público e ao distanciamento físico.

Por conta dos internamentos em decorrência da COVID-19, muitos mantinham contato com o falecido por chamadas de vídeo, sem saber se encontrariam este amado novamente. A tecnologia representou uma nova forma de despedida, de um último contato com o falecido e da organização da perda, ou seja, a concretização de que o falecido não está presente por meio da realização de vídeos em homenagem ao falecido.

As restrições e medidas preventivas destacaram um cenário delicado do luto: o enlutado deseja poder conceder ao ente querido o que Fukumitsu (2018) denomina de boa morte. Dentre os depoimentos, há aqueles que relatam a dor pela vida do falecido ser interrompida e nada poder fazer para impedir, como os casos da falta de vagas em UTI. A dor de não poder conceder uma morte boa para o ente querido também pode estar presente nos cuidados após o falecimento. Em uma pesquisa realizada por Dantas *et al.* (2020, p. 8), também é possível perceber a importância do cuidado com o falecido: “Eu já entendi que minha mãe vai morrer, mas não quero que seja por essa doença. Não quero que seja enterrada em um saco de lixo”.

As flores e o véu, comumente colocados nos caixões, representam a delicadeza do cuidado e do respeito com o falecido. À vista disso, Giamatthey *et al.* (2022, p. 5) reuniram depoimentos encontrados em revistas, como o seguinte relato: “Quando a minha mãe entrou na sala para reconhecer o corpo, dentro do caixão era papelão, não era de cetim com flores, como ela tinha escolhido”.

Diante da frustração em conceder uma boa morte ao amado, além da dor, a culpa pode estar presente. Ela faz parte do processo de luto, aparecendo de formas específicas no cenário pandêmico. Culpa por não ter estado mais tempo na companhia do amado, a culpa por levá-lo ao hospital, onde contraiu o vírus (contaminação intra-hospitalar) e faleceu. Culpa por não ter buscado o hospital, de forma que a doença evoluiu sem o tratamento. Culpa por ter contraído o vírus e passar para os entes queridos. Culpa de não poder conceder os rituais fúnebres que desejava, como os respondentes da pesquisa de Dantas *et al.* (2020) comentaram: gostariam de tê-lo enterrado com a camiseta de seu time favorito ou mencionavam a lembrança do falecido, em algum momento, mencionar que seu velório teria muitos amigos, por conhecer várias pessoas,

mas por conta das restrições na pandemia, ia ser diferente do imaginado.

A culpa também pode ser um empecilho na elaboração do luto, assim como dito por Kehl (2009, p. 205):

Além da tristeza, da deserotização, da confusão pulsional, do vazio deixado pela falta do objeto, o sujeito sofre uma profunda queda em sua autoestima e sente-se torturado por uma culpa de origem inconsciente cujos efeitos se parecem com as autoacusações do melancólico.

A resistência em concluir o processo do luto é uma forma de torturar-se, sofrendo pela morte do outro, uma perda pela qual se sente culpado. Tendo em vista que a posição do luto exige um posicionamento: de passivo para ativo. De abandonado para aquele capaz de abandonar. A partir deste momento, o enlutado “pode começar a incluir outros objetos no circuito de satisfações pulsionais, e outros significantes para seu desejo tomam o lugar do nome do morto” (KEHL, 2009, p. 205).

Considerando que Freud (2010) afirmou que todo desligamento libidinal é doloroso para o Eu, demandando energia e tempo, não é estipulado um limite de tempo para sua elaboração. Os afetos envolvidos e o tempo para a elaboração dependem da relação do indivíduo com perdas e, como defendido pelo respondente, da relação com o falecido: “*Acredito que o luto não é igual para todas as pessoas, cada um sente de uma forma dependendo das relações afetivas que existiam entre elas*” (sic).

Assim como cada enlutado possui uma relação com o falecido, cada pessoa apresenta uma vivência do luto e um posicionamento diante da perda. Neste sentido, Freud (2010) desaconselha a interferência neste processo, não estabelecendo um limite de tempo para sua elaboração. A interferência prejudica o trabalho do luto, que consiste em reconhecer a perda e as mudanças decorrentes, reorganizando a vida do enlutado sem a presença do falecido.

Em vista disso, citamos o trabalho de Kehl (2009), que discorre sobre a volatilidade e a rapidez do mundo contemporâneo, uma realidade que não dispõe de tempo para o processo do luto, valorizando vivências que representam a “ditadura da felicidade”. Essa imposição dificulta o encontro com o saber, visto que o conhecimento necessita do encontro com a realidade, o que necessita do investimento de tempo e energia.

A importância do tempo e da narrativa subjetiva para a historicização do sujeito é apresentado por Kehl (2009, p. 116) quando a psicanalista propõe que

A temporalidade tecida de uma sequência de instantes que comandam sucessivos impulsos à ação, não sustentados pelo saber que advém de uma prévia experiência de duração, é uma temporalidade vazia, na qual nada se cria e da qual não se conserva nenhuma lembrança significativa capaz de conferir valor ao vivido.

Neste sentido, além da vivência automática e impulsiva, Kehl (2009) afirma que a vivência que não foi transformada em uma experiência subjetiva por meio da narrativa, da historicização, é como um adereço sem significado subjetivo. A autora exemplifica com os soldados que, em guerra, apenas reagem ao momento, sem conseguir narrá-lo ao outro, não concretizando o valor de uma experiência, pois a simbolização está na capacidade de narrar ao outro sua vivência. Caso contrário, não há um vínculo com a história cultural. “Se a experiência não nos vincula ao patrimônio que herdamos, ele se torna um peso ou um adorno vazio” (KEHL, 2009, p. 156).

A narrativa organiza as experiências da perda, a história de vida do sujeito. Assim como defendido por Kehl (2009, p. 159), independentemente do sentido das palavras que contam a história, uma narrativa é uma forma linear e ritmada que se desenrola ao longo de um determinado tempo”. Um modo de assimilação, para que possa representar o “inominável”.

A narrativa não é apenas a lembrança do passado, é o próprio passado no presente, as vivências que marcam o psiquismo. A vivência automática, por outro lado, característica do mundo contemporâneo, em que o exercício da consciência está voltado para ações automáticas que não são memorizadas, pois não produzem influências no psiquismo (KEHL, 2009). O que, por exemplo, dá a sensação de uma vida “vazia”, sem memórias, sem histórias das experiências vividas. Por isso, defende-se o período de elaboração.

O tempo para elaboração não é contabilizado por meio da ordem cronológica. Kehl (2009), citando os constructos de Jacques Lacan acerca do problema lógico proposto pelo diretor de um presídio, apresenta três tempos lógicos para a resolução da charada: “o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir” (KEHL, 2009, p. 114).

Assim como no experimento, o trabalho do luto também acompanha essa lógica temporal. O instante de ver é a constatação da perda, é o reconhecimento de que algo foi perdido, o que podemos relacionar com o exame de realidade. O tempo para compreender é o espaço em que ocorre a elaboração, o que os respondentes relatam de aprender a viver sem o falecido. O momento de concluir é a liberdade, o falecido não é esquecido, é amado e não será substitu-

ido, mas é o momento em que, apesar da saudade e da tristeza pelo desejo de ter a presença do Outro novamente, o enlutado segue com sua vida. A energia pulsional é investida gradativamente em outros projetos e interesses, ou seja, está livre da fixação característica do trabalho de luto. Este processo de liberdade é o que caracteriza o processo de escolha, tendo em vista que é uma posição ativa. Neste sentido, Kehl (2009) afirma que a elaboração do luto consiste em o enlutado conseguir abandonar aquele que o abandonou primeiro.

Assim como no experimento, o tempo de concluir do enlutado também consiste em desprender-se da identificação “com seus companheiros de cela” (p. 114), com o objeto perdido e a situação vivida, para o advir do sujeito, ou seja, se ver e ser para além dos olhos e da transferência com o Outro.

Considerando que Kehl (2009) afirma que não há narrador sem ouvinte, os psicólogos devem ter uma formação qualificada da escuta, tendo em vista que 61% dos estudantes enlutados frequentam a psicoterapia. Na constituição deste trabalho, há duas autoras formadas, atuantes no contexto clínico, e uma graduanda em psicologia, realizando estágio profissionalizante em uma Clínica-Escola. A importância da escuta atenta e do ambiente atencioso para o relato da vivência do paciente é significativo para a elaboração e expressão do discurso, possibilitando assim a transmissão de sua experiência.

Além disso, a presença do outro é de significativa importância para o suporte diante do sofrimento e do auxílio frente à elaboração da perda, assim como dito pelo respondente: “o luto é muito dolorido e forte, ele sobressai de outras coisas da vida. Mas a vida pede que a gente dê conta de outras coisas ao mesmo tempo que estamos em luto então achamos formas de amenizar e tentar levar com as coisas da vida. Pessoas próximas durante um processo de luto é vital para a passagem desse momento” (sic).

Quando perguntados sobre os fatores que contribuíram para o suporte dos momentos de sofrimento, os respondentes elencaram a importância da expressão dos afetos e dos espaços de narrativa. A importância do acolhimento e da expressão são defendidos pelos respondentes, como pode ser verificado no seguinte comentário sobre os auxiliares na elaboração da perda: “Falar sobre o luto; conversar com pessoas qualificadas; ter espaço para expressar aquilo que senti. Também roda de conversa do curso onde pude expressar minha preocupação e cuidado com quem foi afetado direta ou indiretamente por esta morte” (sic). Os momentos de expressão auxiliam na elaboração da perda pela possibilidade da catarse e da simbolização por meio da narrativa.

A substância do indivíduo é a narrativa de sua história de vida. Neste sentido, Kehl (2009, p. 162) afirma que é “no ato de transmissão que a vivência

ganha o estatuto de experiência”. Neste sentido, a autora exemplifica a situação dos soldados em guerra, atentos aos possíveis bombardeios, em que sua consciência estava direcionada para a sobrevivência, apenas reagindo aos estímulos imediatos, sem as experiências e conhecimentos das gerações passadas para nortear as condutas. Por isso, tão comumente os soldados sobreviventes apresentavam dificuldade para relatar sua vivência nos campos de batalha.

A morte não é o fim da pessoa. Sua história, sua vida, será lembrada, cultivada por meio daqueles que relembram sua trajetória: “o instante de morrer não representa o encerramento definitivo da experiência de vida, mas a possibilidade solene de sua transmissão” (KEHL, 2015, p. 165). A capacidade de narrar o ocorrido é o que denota a subjetividade da vivência, apalavrando o “indizível” para que, elaborando o ocorrido, não permaneça na compulsão à repetição. Assim como exposto por Kehl (2009), cada soldado – e, nesta pesquisa cada estudante –, pode contar sua experiência subjetiva sobre a vivência em um mesmo contexto de guerra. Os enlutados também possuem narrativas individuais sobre a perda. Cada enlutado tem uma relação com o falecido, cada falecido sustenta um significado para a vida dos conhecidos, além de a perda gerar diferentes impactos na vida de cada pessoa.

Considerações Finais

A psicanálise constitui sua práxis na cura pela palavra, ponto que destaca a importância da simbolização como possibilidade de o mal-estar vir à palavra. Há excitações somáticas que exigem mais do que a descarga motora: necessitam da via da palavra. A capacidade de apalavrar dá sentido ao afeto e relaciona as experiências, ou seja, articula a pulsão à rede de significantes do sujeito.

Elaborar o luto é defrontar-se com a perda, com a ausência do Outro que impulsiona o enlutado ao encontro de sua falta estrutural, própria da constituição do sujeito. A narrativa é uma forma de deparar-se com essa realidade, visto que, ao apalavrar, o enlutado lembra da situação narrada. A via da palavra não apenas proporciona a transmissão, mas também institui o encontro do enlutado com seus dizeres. Ao narrar um evento, expressa seus afetos e se depara com seu posicionamento diante da perda, se reconhecendo em seus ditos.

O trabalho do luto consiste em, ao perder o falecido – aquele que sustentava a função de suplente – aprender a viver sem essa pessoa. Ao perder o objeto, o sujeito depara-se com a falta do Outro, mas também com sua própria

falta estrutural, visto que a perda do outro desampara e estabelece o encontro com a solidão, pois o separa da alienação com o Outro, afastando-o da segurança daquele que representava a suplência de sua falta constitutiva. O trabalho do luto consiste, portanto, na separação com o Outro, de forma que o enlutado não eternize sua dor.

Analisando as respostas dos estudantes, é possível verificar que a maioria deles confirma as explicações teóricas fundamentadas neste trabalho. Defende-se, com base nos resultados, que é de suma importância o acesso a espaços de acolhimento, que possibilitem a expressão e a compreensão do luto. Portanto, assim como evidenciado pelos respondentes, a rede de apoio para suportar este momento de perdas e mudanças é imprescindível no processo de elaboração do luto. Considerando que o contexto da pesquisa é o ambiente acadêmico, ressalta-se a importância das atividades realizadas na universidade, como as rodas de conversa, e os espaços que os docentes proporcionam em suas aulas.

Com base nos pressupostos freudianos, o luto não tem um tempo cronológico delimitado para sua elaboração. Contudo, espera-se que o respeito à realidade prevaleça, de forma que suas condutas também retornem ao que lhe era comum. Dessa forma, o sujeito precisará de tempo e um alto investimento de energia no trabalho do luto. Este trabalho não é linear, percorre desvios, entre o reconhecimento e a negação da perda.

Dessa forma, é possível afirmar que o lugar que o amado falecido ocupa para o sujeito não será preenchido por outro, visto que o trabalho do luto consiste em, amando essa pessoa falecida, poder seguir com sua vida, seus planos, amando também outras pessoas, de forma que, nos termos psicanalíticos, a pulsão não esteja fixada apenas em um objeto, estando livre para outras conexões, seja no amor ou no trabalho.

Tramitação

Recebido 08/08/2022

Aprovado 15/03/2023

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus sars-cov-2: covid-19*. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>>. Acesso em: 06 jun. 2022.

BRASIL DE FATO. *Maria Rita Kehl: "Não poder ver o corpo de alguém que perdeu é uma tortura"*. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/24/maria-rita-khel-nao-poder-ver-o-corpo-de-alguem-que-perdeu-e-uma-tortura>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

DANTAS, C. R. et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* (online), v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtgR9xSwqBSYjr5Mm3WSwG/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

DUNKER, C. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Planeta, 2021.

FRANCO, M. H. P. *A intervenção psicológica em emergências*. São Paulo: Summus, 2015.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917[1915]). In: _____. *Introdução ao narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 127-144. (Obras Completas, 12).

_____. (1895). Rascunho G: melancolia. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1899)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FUKUMITSU, K. O. *Vida, morte e luto*. São Paulo: Summus, 2018.

GIAMATTEY, M. E. P. et al. *Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações*. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e Atenção Psicossocial). Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/zGDv9BZ6Lc44fxJFBBz8ktC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

GUNDIM, V. A. et al. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. *Rev. baiana enferm.* 2021, 35:e37293. Disponível em: <<http://www.revenf.bvs.br/pdf/rbaen/v35/1984-0446-rbaen-35-e37293.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LEWIS, C. S. *Anatomia de uma dor*. Tradução por Alípio Franca Correia Neto. São Paulo: Editora Vida, 2006.

QUINET, A. (Org.). *Extravios do desejo*. Rio de Janeiro: Marca D'água Livraria e Editora, 2002.

VALAS, P. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.